

INTRODUÇÃO

A Iniciativa do Cinturão e Rota (ICR), lançada pela China em 2013, busca criar uma rede global de infraestrutura conectando a China a regiões como África, Europa e Ásia, visando promover desenvolvimento e comércio. No entanto, há preocupações sobre seus reais objetivos, especialmente quanto à influência chinesa em países em desenvolvimento e à dependência econômica. Na África, a ICR é vista como uma forma de dominação, com projetos financiados pela China gerando endividamento e controle de ativos estratégicos. Este artigo examina os impactos da ICR na África, argumentando que, ao invés de cooperação mútua, a iniciativa reforça a hegemonia chinesa.

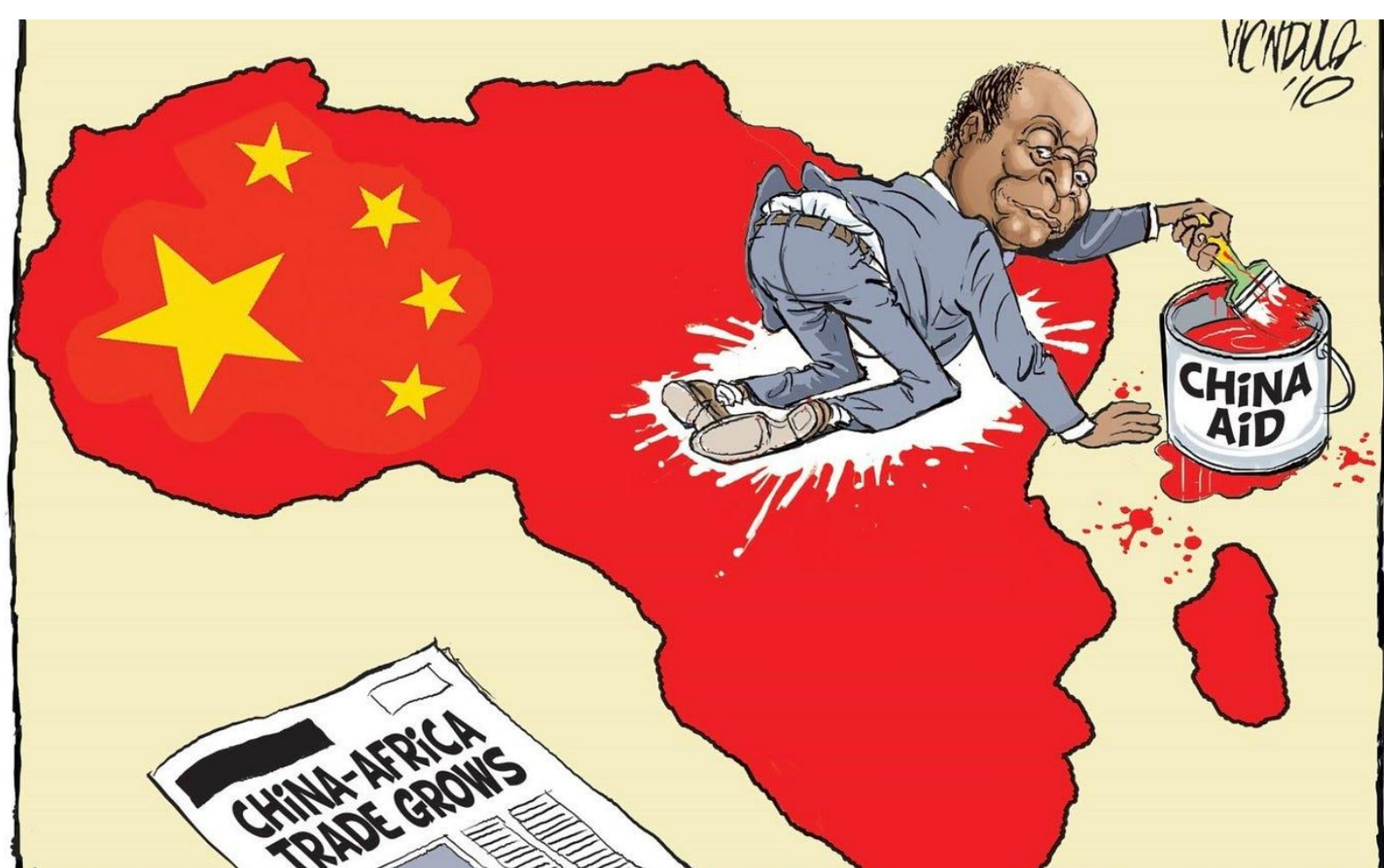


Figura 1: https://medium.com/@pedropomar_69957/a-china-%C3%A9-um-pa%C3%ADs-imperialista-considera%C3%A7%C3%B5es-e-evid%C3%A2ncias-f1cfe271e1ea

METODOLOGIA

Este estudo crítico sobre a ICR foi conduzido com base em pesquisa bibliográfica, incluindo dados estatísticos e informações de artigos científicos, matérias, livros e fontes governamentais. Inicialmente, será apresentado um panorama histórico da China, desde a Revolução Comunista de 1949 até as modernizações e abertura econômica iniciadas na década de 1970, com base em publicações da Universidade de Kansas e TCC do curso de Relações Internacionais. Posteriormente, será discutida a ICR, sua expansão e aplicação, analisando seus impactos nos países participantes, com foco no continente africano, e estabelecendo um paralelo entre a política externa chinesa e o imperialismo ocidental dos séculos XIX e XX.

1. HISTÓRIA DA CHINA NO SÉCULO XX

A Revolução Comunista Chinesa de 1949, liderada por Mao Tsé-Tung, estabeleceu a República Popular da China após décadas de exploração imperialista, eliminando elementos capitalistas. Na Era Maoísta (1949–1976), o Grande Salto Adiante (1958–1962) buscou acelerar a industrialização, mas causou uma fome devastadora. Nos anos 1970, a China iniciou sua reaproximação internacional, marcada pela visita de Richard Nixon em 1972, preparando o terreno para as reformas de Deng Xiaoping, que integraram a China à economia global e impulsionaram seu rápido crescimento sob um modelo capitalista chinês.



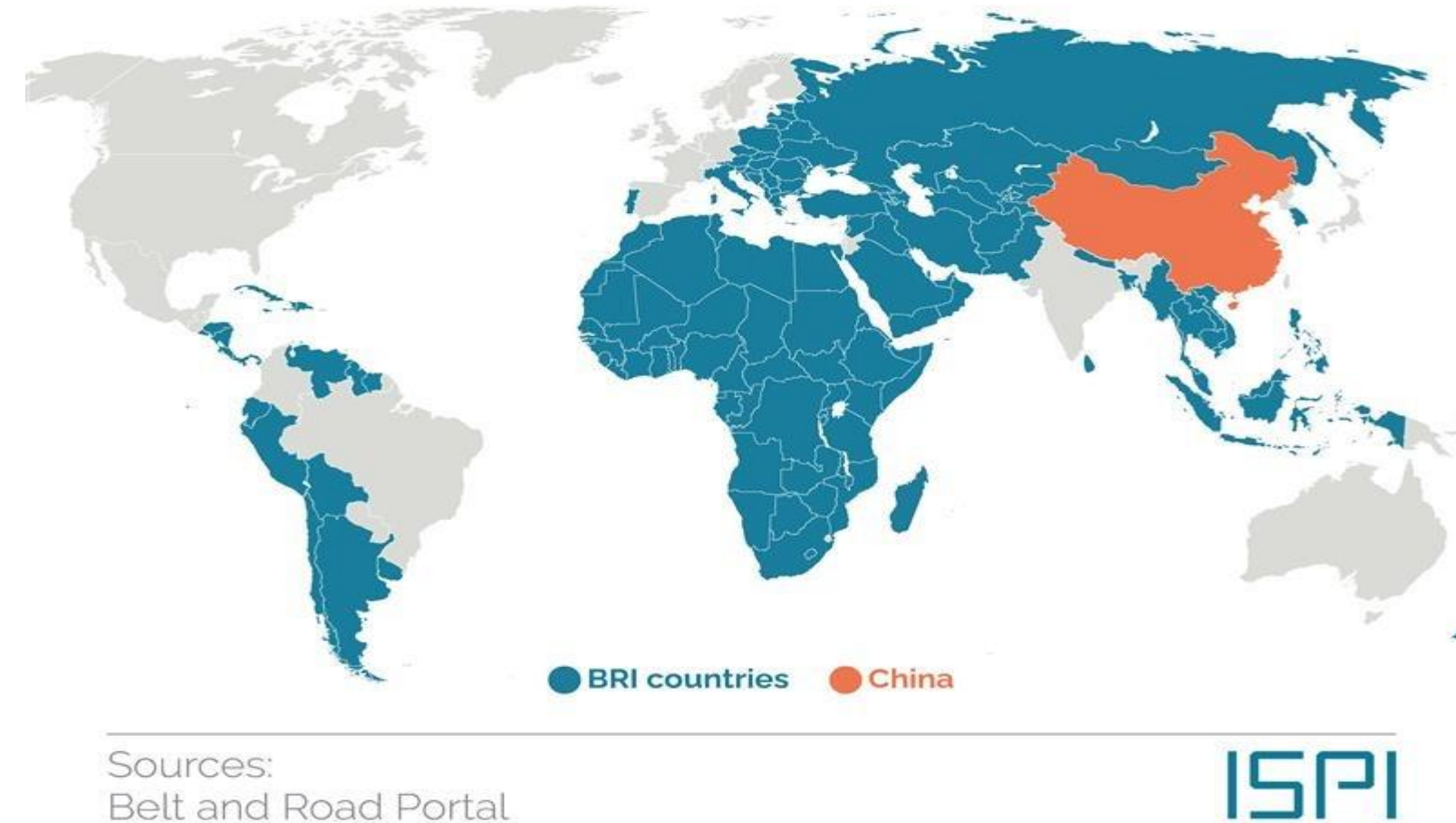
Figura 2: <https://ensinarhistoria.com.br/grande-salto-adiante-programa-de-mao-tse-tung-china/>

2. A INICIATIVA DO CINTURÃO E ROTA NO MUNDO E NA ÁFRICA

A Iniciativa do Cinturão e Rota, segundo o discurso chinês, visa promover o desenvolvimento global através de investimentos em infraestrutura, especialmente em países em desenvolvimento, facilitando o comércio e gerando prosperidade mútua. Na África, a China investe bilhões em projetos, como a ferrovia Nairobi-Mombasa, de US\$ 3,6 bilhões, para consolidar sua posição global. Críticos alertam que a ICR cria dependência financeira e política, ameaçando a soberania dos países, como o Quênia, que enfrenta o risco de perder o Porto de Mombasa, e Djibuti, com uma dívida equivalente a 70% do PIB. Além disso, muitos projetos empregam mão de obra chinesa, limitando os benefícios locais.

The Wide Scope of the Belt and Road Initiative

Countries that are part of the BRI (Oct. 2023)



Sources:
Belt and Road Portal

ISPI

Figura 3: <https://eng.yidaiyilu.gov.cn/>

3. A POLÍTICA DO CINTURÃO E ROTA E O IMPERIALISMO OCIDENTAL

A política do Cinturão e Rota da China e o imperialismo ocidental possuem semelhanças, mas com abordagens distintas. Enquanto o Ocidente consolidava o controle de países em desenvolvimento por meio da exploração econômica e intervenções militares, a China exerce domínio econômico com acordos bilaterais e endividamento. Assim como EUA e Europa garantiam acesso a recursos via coerção, a China cria dependências econômicas, como no Quênia, que arrisca perder ativos estratégicos. Apesar do discurso de cooperação, os investimentos chineses muitas vezes resultam em perda de soberania, comparável ao neocolonialismo. A China também apoia regimes autoritários sem exigir reformas, como em Angola, onde troca apoio político por acesso a recursos.



Figura 4: <https://www.passeidireto.com/arquivo/133425352/economia-da-africa>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da ICR revela que, apesar do discurso oficial de cooperação, a China está reproduzindo práticas neocoloniais na África. A “diplomacia da armadilha da dívida”, exemplificada por casos como o Quênia e Djibuti, resulta no controle chinês de ativos estratégicos quando os países não conseguem quitar suas dívidas. Sem exigir reformas democráticas, a China reforça sua influência global em detrimento das nações participantes. Assim como o imperialismo ocidental no século XIX, que explorava os recursos africanos, a ICR busca o controle econômico, adaptando-se aos contextos contemporâneos para justificar suas ações. Longe de ser uma iniciativa de cooperação, a iniciativa expande a hegemonia chinesa, comprometendo a soberania e o desenvolvimento sustentável dos países africanos, de modo semelhante ao domínio ocidental dos séculos passados.

Referências

- CAMPOS, L. M. China y su impacto en el desarrollo de infraestructuras en el África Subsahariana mediante el FOCAC y la BRI. TCC – Curso de Relações Internacionais com orientação em ex-cenários de conflitos internacionais, missões de paz e desarme, Universidad de la Defensa Nacional. Buenos Aires, p. 70. 2023.
- LOKANATHAN, V. China's Belt and Road Initiative: Implications in Africa. ORF Issue Brief No. 395, 2020, Observer Research Foundation.
- LISINGE, R. T. The Belt and Road Initiative and Africa's regional infrastructure development: implications and lessons. Transnational Corporations Review, jul. de 2020. DOI: 10.1080/19186444.2020.1795527.
- CHANG, W. Y.; WANG, Y. T.; PING, S. N. The Effects of China's Development Projects on Political Accountability. British Journal of Political Science, Cambridge, v. 52, p. 65-84, dez. de 2020. DOI: 10.1017/S0007123420000381.
- MIHR, A.; SORBELLO, P.; WEIFFEN, B. Securitization and Democracy in Eurasia. Springer, 2023. DOI: 10.1007/978-3-031-16659-4.
- PIRES, L. M. Os impactos econômicos da economia planificada socialista: uma análise do caso da China durante a Era Maoísta. TCC – Curso de Relações Internacionais, Universidade do Vale do Taquari. Lajeado, p. 70. 2023.